

Precariedades no trabalho - processos de formação e de recomposição identitária

Teresa Medina, CIE - FPCEUP

O aumento da precariedade no trabalho constitui-se como uma das manifestações mais evidentes das transformações e recomposições em curso no mundo do trabalho e nas relações laborais. Com efeito, o desemprego maciço, a generalização dos contratos a termo e temporários, à hora, ao dia, ao metro ou à peça, a proliferação de “recibos verdes” e de contratos individuais de trabalho, em detrimento dos contratos coletivos, as alterações da legislação laboral e a extinção de inúmeros direitos dos trabalhadores, a facilitação dos despedimentos, em simultâneo com a diminuição significativa dos rendimentos do trabalho, têm representado um verdadeiro “terramoto” na vida de milhares de trabalhadores portugueses.

Exaltada pela ideologia dominante, a precariedade no trabalho aparece travestida de capacidade de adaptação aos “novos tempos”, de flexibilidade, competitividade, empreendedorismo ou modernidade. Para a maioria daqueles que vivem do seu trabalho, significa a instabilidade, a insegurança, a impossibilidade de planear o futuro, um horizonte de incertezas. Para estes, as consequências podem ser (são) devastadoras - vidas desfeitas pelo desemprego, expectativas frustradas, famílias adiadas, dependência económica, alterações no estado de saúde, sentimentos de culpa, aumento das taxas de suicídio, etc..

O indivíduo atomizado sente-se frágil, vulnerável e impotente, uma peça de uma máquina e de um sistema que o ultrapassam e que justificam muitas das atitudes, comportamentos e processos de construção de si que, noutras circunstâncias, o próprio condenaria. De uma forma cada vez mais solitária, o trabalhador vê-se na necessidade de se autocentrar, de se manter empregável, de “gerir” a sua carreira e a sua carteira de competências.

Nestas condições, a preocupação com a manutenção do emprego, torna-se, para muitos, um exercício de sobrevivência capaz de fomentar, nos locais de trabalho, a competição e a concorrência desleal com os colegas, a diluição dos laços de solidariedade e a degradação das relações interpares, dificultando a construção de identidades pessoais, coletivas e profissionais valorizadas.

Recentemente, diversas “organizações” têm vindo a ser constituídas em torno de diversas precariedades no trabalho, contribuindo para a sua visibilidade e para a construção de novas identidades sociais coletivas - do “precário”, do “recibo verde”, do “desempregado”, desvinculadas de um carácter profissional preciso, mas profundamente ligadas ao mundo do trabalho, que poderão facilitar a recomposição identitária (ainda que transitória) de largas franjas de trabalhadores.

Précarités dans le travail - processus de formation et de recomposition identitaire

—
Teresa Medina, CIE – FPCEUP

L'augmentation de la précarité dans le travail constitue une des manifestations les plus évidentes des transformations et des recompositions en cours dans le monde et les relations du travail. En effet, le chômage massif, la généralisation des contrats à durée déterminée et temporaires, à l'heure, à la journée, au mètre ou à la pièce, la prolifération des "reçus verts" (reçus émis par les prestataires de services indépendants) et de contrats individuels de travail au détriment des contrats collectifs, les modifications de la législation du travail et la suppression de nombreux droits des travailleurs, les licenciements facilités, le tout associé à une diminution significative des revenus du travail, ont représenté un véritable "tremblement de terre" dans la vie de milliers de travailleurs portugais. Exaltée par l'idéologie dominante, la précarité dans le travail semble travestie en capacité d'adaptation aux "temps nouveaux", flexibilité, compétitivité, esprit d'entreprise ou modernité. Pour la majorité de ceux qui vivent de leur travail, cela signifie l'instabilité, l'insécurité, l'impossibilité de planifier l'avenir, un horizon d'incertitude. Pour ceux-là, les conséquences peuvent être (sont) dévastatrices – des vies défaites par le chômage, des attentes frustrées, des familles ajournées, une dépendance économique, des modifications de l'état de santé, des sentiments de culpabilité, une augmentation des taux de suicide, etc..

L'individu atomisé se sent fragile, vulnérable et impuissant, une pièce d'une machine et d'un système qui le dépassent et qui justifient bon nombre d'attitudes, de comportements et de processus de construction de soi que, dans d'autres circonstances, lui-même condamnerait. D'une façon de plus en plus solitaire, le travailleur se voit obligé de se centrer sur lui-même, de rester employable, de "gérer" sa carrière et son portefeuille de compétences.

Dans ces conditions, le souci du maintien de l'emploi devient, pour beaucoup, un exercice de survie apte à susciter, sur les lieux de travail, la compétition et la concurrence déloyale avec les collègues, la dilution des liens de solidarité et la dégradation des relations entre pairs, rendant toute construction d'identités personnelles, collectives et professionnelles valorisées beaucoup plus difficile.

Néanmoins récemment, plusieurs "organisations" se sont constituées autour de diverses précarités dans le travail, contribuant ainsi à leur visibilité et à la construction de nouvelles identités sociales collectives – du "précaire", du "reçu vert", du "chômeur" –, dénuées de lien avec un quelconque caractère professionnel précis, mais profondément liées au monde du travail, qui pourront faciliter la recomposition identitaire (bien que transitoire) de vastes couches de travailleurs.